

## «TEMOS DE ESTAR NA LINHA DA FRENTE DO DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO»

**Fórum de Neurologia 2015 promove formação em cefaleias e demências Pág.18**

**A «luta incansável» de Diogo Furtado pela criação do Serviço de Neurologia dos Hospitais Cívicos de Lisboa Pág.19**

**Fernando Morgado, o neurologista solidário na liderança da Associação dos Amigos do Hospital de Santa Maria Pág.22**

**Em entrevista, José Fernandes e Fernandes, diretor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, defende que é preciso «investir no futuro» para que a Medicina e as instituições de ensino médico portuguesas possam acompanhar «o desafio da modernização tecnológica». E adverte que, perante «uma conjuntura extremamente competitiva a nível global», é fundamental disputar e atrair os melhores profissionais Pág.8 e 9**



«Este *campus* acadêmico já é uma referência nacional e pode sê-lo também a nível europeu»

A cumprir o último de dez anos de mandato, o **Prof. José Fernandes e Fernandes** fala sobre as principais mudanças em que esteve envolvido enquanto **diretor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa (FMUL)**. Em entrevista ao *Correio SPN*, afirma que Portugal está «próximo do pelotão da frente das grandes instituições europeias e mundiais de ensino», enfatizando o contributo da FMUL. No entanto, este dirigente defende que «o apoio do Governo é essencial para garantir o investimento que permita acompanhar o desafio da modernização tecnológica».

Ana Rita Lúcio

◉ **Termina este ano o seu último mandato como diretor da FMUL, cargo que ocupa desde 2005. Que balanço faz destes dez anos?**

Foi um período de muito trabalho e preocupação, mas intelectualmente muito gratificante. O teste do tempo será o grande juiz, avaliando se as medidas tomadas foram as que melhor serviram os interesses da Faculdade. A reforma do ensino, a criação do Centro Académico de Medicina, a modernização administrativa da Faculdade, a criação de uma rede de instituições afiliadas colaborando no ensino e a construção do novo edifício

Reynaldo dos Santos, dedicado à investigação de translação e à cooperação multidisciplinar e pluri-institucional na área da Engenharia Biomédica, foram medidas que considero relevantes.

Gostaria ainda de destacar o desafio extraordinário que foi a fusão da Universidade Clássica com a Universidade Técnica, que a FMUL apoiou entusiasticamente. Estamos preparados para a criação de uma área de investigação e inovação multidisciplinar em Ciências da Vida e da Saúde, promovendo a convergência entre as Biociências e as Engenharias, no seio da grande e nova Universidade de Lisboa (ULisboa).

◉ **Que marcos destes dez anos considera estarem mais habilitados a resistir ao «teste do tempo» que refere?**

Desde logo, a harmonização das relações institucionais com o nosso parceiro fundamental para a educação médica – o Centro Hospitalar Lisboa Norte/Hospital de Santa Maria [CHLN/HSM]. Quando assumi este lugar, existia um contencioso gravíssimo entre as duas instituições, que praticamente não dialogavam entre si. Há que referir também a criação, em 2008, do Centro Académico de Medicina de Lisboa [CAML], um organismo-envelope que reúne as três instituições que partilham este *campus* académico: o CHLN/HSM, a FMUL e o Instituto de Medicina Molecular [IMM], com o objetivo de as fazer convergir em projetos comuns em matéria de ensino, investigação e melhoria da performance clínica.

Não posso esquecer outra decisão, tomada no início de 2006, em resposta à necessidade de promover uma reforma na estrutura de ensino, que permanecia muito semelhante à que existia nos meus anos de estudante. Dessa forma, reformu-

## O dinamismo das Neurociências

**N**a sequência da constituição do Centro Académico de Medicina de Lisboa, em 2008, um estudo levado a cabo para aferir a produtividade científica dos seus três polos – Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa (FMUL), Instituto de Medicina Molecular e Centro Hospitalar Lisboa Norte/Hospital de Santa Maria – revelou que este centro está «na linha da frente das instituições portuguesas com maior atividade científica», sublinha José Fernandes e Fernandes. Esse mesmo estudo concluiu ainda que «as Neurociências fundamentais e clínicas ocupam o primeiro lugar» da lista das áreas mais produtivas, sendo assim muito importantes para o desenvolvimento da Faculdade», frisa o diretor da FMUL.



laram-se os três primeiros anos da Licenciatura em Medicina, tornando o ensino menos compartimentado e reduzindo a sobrecarga de exames, graças à implementação de uma reforma integrada e centrada no aluno. Celebrámos, ainda, protocolos de cooperação com diversos centros de saúde na área de Lisboa, proporcionando aos alunos de Medicina o contacto com a realidade dos cuidados de saúde primários, no primeiro e segundo anos da licenciatura.

De resto, e porque a Medicina contemporânea é pluridisciplinar e pluriprofissional, considerámos essencial promover a colaboração com a Enfermagem. Por isso, logo no primeiro ano do curso, os alunos completam uma semana de estágio com a Enfermagem. Além disso, no terceiro ano, passaram a ter oportunidade de realizar um estágio de seis semanas em contexto hospitalar.

#### ◉ **Que diagnóstico faz à «saúde» da formação médica em Portugal?**

Creio que estamos próximos do pelotão da frente das grandes instituições europeias e mundiais de ensino. Mas temos ainda algumas necessidades, sobretudo ao nível da articulação mais eficaz entre as diferentes componentes da formação. A missão de uma Faculdade de Medicina não é só ensinar e investigar bem, mas também estar associada à prestação de serviços clínicos de qualidade. E este é um dos principais desafios que a Medicina portuguesa enfrenta neste momento: a modernização tecnológica. As instituições de ensino nacionais têm de estar na linha da frente do desenvolvimento tecnológico. Tem de ser feito um enorme esforço para adquirir equipamentos que servem dois propósitos indispensáveis: prestar serviços clínicos de qualidade e promover a investigação mais avançada. Este esforço de investimento, visto que as universidades não têm recursos para o fazer por si próprias, tem de ser encetado com o apoio do Governo.

#### ◉ **Referiu-se ao «pelotão da frente das grandes instituições europeias e mundiais de ensino». A internacionalização é outro dos grandes desígnios da FMUL?**

Essa foi, de facto, uma das grandes preocupações que tivemos: levar os nossos alunos para fora e trazer também competências e experiências para dentro da nossa Faculdade. Em função disso mesmo, celebrámos protocolos com variadíssimas instituições universitárias, quer na área da investigação quer na área da prestação de serviços clínicos. A FMUL está também, e cada vez mais, presente em grandes estudos internacionais e os seus docentes e investigadores são reconhecidos por isso. Creio que estamos na trajetória certa, mas precisamos de mais, nomeadamente que o Governo nos

habilite com o que é necessário para continuarmos nesta trajetória.

#### ◉ **É possível demonstrar que o propósito de estar na linha da frente do desenvolvimento tecnológico e da investigação é um investimento e não um gasto?**

Esse é sempre um grande problema na área da Saúde e, particularmente, num momento de restrição financeira como o que atravessamos. Mas temos de investir no futuro. Se não o fizermos, ficaremos condenados irremediavelmente à irrelevância. Precisamos de meios para competir, porque nós tivemos um *setback* com as dificuldades económicas, mas houve outros países que não o tiveram e continuaram a desenvolver-se. Não nos podemos deixar ficar para trás. Numa conjuntura extremamente competitiva a nível global, temos de ser capazes de disputar e atrair os melhores profissionais.

#### ◉ **A FMUL pode almejar tornar-se um centro de referência a nível internacional?**

Devemos procurar sê-lo. Este *campus* académico já é um centro de referência nacional e pode sê-lo também a nível europeu – temos competência para isso. Mas essa ambição tem de ser estruturada; é preciso definir, claramente, em que áreas será necessário e adequado investir e organizarmo-nos para o fazer. Voltando um pouco atrás, preocupa-me muito que não nos estejamos a organizar de forma a captar os melhores profissionais. Não podemos criar obstáculos que impeçam os nossos melhores de irem para fora, mas é nosso dever competir, para que eles fiquem e tenham futuro cá dentro. E o que me preocupa é que vejo, sobretudo nos mais jovens, um sentimento de desesperança e incerteza em relação ao futuro.

#### ◉ **Esse sentimento de desesperança dos mais jovens é uma fatura que pesa, não só do ponto de vista da investigação, mas também clínico?**

Sim, até porque os melhores clínicos também se podem querer ir embora, e há muitos que o estão a fazer. Mas, em relação à vertente clínica, há problemas de organização que não dependem só do número de profissionais. A Medicina mudou muito desde a época de criação do Serviço Nacional de Saúde: é hoje mais cara e muito mais dependente da tecnologia. Temos, por isso, de nos organizar para oferecer serviços médicos de qualidade, potenciando os recursos que temos. Muitos dos problemas que têm surgido prendem-se com um desequilíbrio estrutural que permanece entre os cuidados de saúde primários, os hospitalares e os continuados. Falta uma política concertada e é precisamente essa carência que leva a que haja uma enorme sobrecarga hospitalar, nomeadamente nos serviços de urgência. ❁



## CV de José Fernandes e Fernandes

**1969:** termina a licenciatura na Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa (FMUL);

**1970-1971:** faz o Internato Geral no Hospital de Santa Maria (HSM);

**1975:** cumpre o Internato em Cirurgia Geral no HSM;

**1975-1978:** é *fellowship* na Unidade Cardiovascular do St. Mary's Hospital, em Londres;

**1978:** torna-se especialista em Cirurgia Vascular no HSM;

**1985:** termina o doutoramento em Cirurgia, com a tese «Doença da artéria carótida – importância do exame *Doppler* ultrassom para o diagnóstico e avaliação depois da cirurgia da carótida». Torna-se professor auxiliar de Cirurgia na FMUL;

**1989:** assume o cargo de chefe de serviço de Cirurgia Vascular no HSM;

**1993:** obtém agregação como professor de Cirurgia na FMUL;

**1995:** torna-se professor associado de Cirurgia na FMUL;

**1995-1996:** assume a presidência da European Society for Vascular Surgery;

**1995-2000:** é secretário-geral da International Union for Angiology (IUA);

**1997:** passa a professor coordenador da disciplina de Introdução à Clínica na FMUL;

**2000-2004:** chega a vice-presidente europeu da IUA;

**2002:** torna-se professor catedrático de Cirurgia na FMUL;

**2005-2015:** assume a direção da FMUL;

**2006-2008:** é presidente da IUA e da Sociedade Portuguesa de Angiologia e Cirurgia Vascular.